

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A temporalidade adeliana: poesia e teoria da História

Isaiás Gabriel Franco
Mestrando em História - Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP
isaiasgabrielfranco@hotmail.com

[...] Não quero contar histórias,
porque história é excremento do tempo.
Queria dizer-lhes é que somos eternos.¹

Adélia Prado

Introdução

Mineira de Divinópolis, Adélia Luzia Prado de Freitas (1935- até o presente), é uma mulher de múltiplas facetas, caleidoscópica. Filha, mãe, professora, poetisa e escritora, Adélia porta em sua trajetória inúmeras nuances que iriam inevitavelmente influenciar a sua escrita. As sociabilidades e vivências da cidade onde a mesma nasceu constituem-se em notável exemplo disso. Reconhecida inicialmente por Carlos Drummond de Andrade² que à ela dedicou uma elogiosa crônica no *Jornal do Brasil* em 9 de outubro de 1975³, Adélia foi cada vez mais ganhando visibilidade no meio literário, passando assim a figurar no “panteão” da literatura brasileira, como uma poetisa amplamente reconhecida.⁴ Traços como religiosidade, cotidianidade, amor, sentimento e vida interiorana se inscrevem na vida assim como na escrita dessa autora mineira. Obra e autora, confundem-se, intercalam-se. Assim, apresentar ou falar de Adélia é falar de sua escrita; falar da escrita é não menos que falar de Adélia Prado. Talvez por sua contemporaneidade e por possuir uma obra mais poética que memorialista, ainda não figura no cânone estudado por historiadores. Apesar destes vários aspectos, a poesia adeliana traz em seu bojo uma curiosa configuração temporal que no entanto,

¹ Versos do poema *A esfinge*. (PRADO, 2016, p. 237-238)

² Affonso Romano de Sant’Anna foi quem a apresentou ao poeta: “recebi de uma desconhecida poetisa do interior de Minas uma maço de poemas, entre batidos a máquina e manuscritos [...] A danada tinha uma força estranha e o que escrevia escapulia do que eu conhecia em nossa poesia [...] não aguentei e telefonei para Drummond: Mestre, acaba de aparecer uma poetisa no interior de Minas.” (SANT’ANNA, 2016, p.483-484)

³ A crônica referida é “De animais, Santo e gente”

⁴ “Hoje, Adélia faz parte da paisagem literária. Sua fortuna crítica não para de crescer, quase ultrapassou uma centena de teses universitárias, ganhou os palcos e rompeu as fronteiras da língua. Encontra-se editada em inglês, italiano, espanhol, e poemas avulsos foram traduzidos para o alemão, francês, polonês e chinês.” (MASSI, 2016, p.496)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

apesar de interessante, ainda precisa ser melhor examinada. É sobre esta empreitada que me proponho aqui a refletir.

1. Adélia Prado e as configurações temporais

Antes de mais nada, façamos uma observação necessária: a poesia apresenta-se como uma escrita suspeita/estranha ao olhar do historiador desde a Antiguidade⁵. No entanto, façamos também algumas perguntas: não é o escritor prenhe de sua época? Não é o ato da escrita uma maneira de conferir sentido à existência? Em que medida as categorias de compreensão do existir humano na temporalidade apresentam-se na obra de um poeta? Perguntas como essas, nada fáceis de responder, motivaram-me a elencar a obra dessa autora mineira como objeto de investigação.

O tempo, nas diferentes formas que ele pode ser entendido, é um elemento fundacional para aquele que trabalha com a História. Chega a ser lugar-comum no meio historiográfico afirmar que o homem sempre é fruto de sua época. Contudo, o curioso, é que por meio de sua escrita, a poetisa mineira de que tratamos, tece uma imbricada rede de conexões temporais, que não se atém a apenas um regime temporal único. Adélia Prado faz uma verdadeira *bricolagem*⁶ de vários referenciais, uma malha “híbrida” de temporalidades para assim o dizermos de outra maneira.

⁵ “Enquanto a filosofia, especializando-se, desde seu princípio, em pensar o pensamento, estabelecia uma complexa rede conceitual, com Heródoto e logo Tucídides, a escrita da história contentava-se em separar-se de Homero e registrar o que ouvira e vira, ou apenas o que lhe fora contemporâneo. Sua diferença com a épica e os gêneros poéticos que se acrescentavam por certo existe, embora seja muito pouco desenvolvida.” (COSTA LIMA, 2006, p.16)

⁶ A concepção de bricolagem aqui usada é a de Michel de Certeau: “Com efeito, muitas vezes, com os materiais de sua cultura, o estudante procede por colagens, como aliás se faz uma ‘bricolagem’ individual de vários registros sonoros ou uma combinação de pinturas ‘nobres’ com imagens publicitárias. A criatividade é o ato de reempregar e associar materiais heterogêneos. O sentido prende-se à significação que esse emprego lhes confere. Esse sentido nada diz por si mesmo; ele elimina todo valor sagrado de que seria dotado um signo particular; implica rejeição de todo objeto tido como ‘nobre’ e permanente’.” (CERTEAU, 1995. p. 114).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Uma dos pontos dessa tessitura é a evocação de tradições⁷ e do passado, ou seja, de elementos que já existiram, e que para ela seriam fatores de orientação, o que nos remeteria a uma referência a *historia magistra vitae*⁸.

Mas há também o acionamento do moderno, não sendo contudo, um *presentismo* contemporâneo. (HARTOG, 2019), mas antes, um tempo de emergir, entendido como esperança e como potencial para o existir.

Tal perspectiva tradicional e mesmo conservadora de tempo, nós podemos perceber em poemas como *Clareira e Para comer depois*.

CLAREIRA

Seria tão bom, como já foi,
as comadres se visitarem nos domingos.
Os compadres fiquem na sala, cordiosos,
pitando e rapando a goela. Os meninos,
farejando e mijando com os cachorros.
Houve esta vida ou inventei?
Eu gosto de metafísica, só pra depois
pegar meu bastidor e bordar ponto de cruz,
falar as falas certas: a de Lurdes casou,
a das Dores se forma, a vaca fez, aconteceu,
as santas missões vêm aí, vigiai e orai
que a vida é breve.
Agora que o destino do mundo pende do meu palpite,
quero um casal de compadres, molécula de sanidade,
pra eu sobreviver. (PRADO, 2016, p.33)

PARA COMER DEPOIS

Na minha cidade, nos domingos de tarde,
as pessoas se põem na sombra com faca e laranjas.
Tomam a fresca e riem do rapaz de bicicleta,
a campainha desatada, o aro enfeitado de laranjas:
'Eh bobagem!'

⁷ “[...] [o] tradicionalismo [...] não possui traços históricos e se configura como uma conduta instintiva ou reativa em relação a reformas deliberadas [...] Na esfera individual, ele não gera *a priori* um conflito: ‘não há necessariamente uma contradição no fato de que uma pessoa politicamente progressista reaja de uma forma inteiramente tradicionalista em seu cotidiano’. “(MANNHEIM *apud* WELLER; BASSALO, 2020, p. 393).

⁸ “Até o século XVIII, o emprego de nossa expressão permanece como indício inquestionável da constância da natureza humana, cujas histórias são instrumentos recorrentes apropriados para comprovar doutrinas morais, teológicas, jurídicas ou políticas. Mas, da mesma forma, a perpetuação de nosso *topos* aludia a uma constância efetiva das premissas e pressupostos, fato que tornava possível uma semelhança potencial entre os eventos terrenos. E, quando uma transformação social ocorria, era de modo tão lento e em prazo tão longo, que os exemplos, do passado continuavam a ser proveitosos. A estrutura temporal da história passada delimitava um espaço contínuo no qual acontecia toda a experimentação possível.” (KOSELLECK, 2006, p.43)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Daqui a muito progresso tecno-ilógico,
quando for impossível detectar o domingo
pelo sumo das laranjas no ar e bicicletas,
em meu país de memória e sentimento,
basta fechar os olhos:
é domingo, é domingo, é domingo. (PRADO, 2016, p. 38)

Já, uma postura que aciona o moderno e que foge de um tempo tradicional, mas que também poder ser ligada à uma visão de tempo como esperança, como *Kairós*⁹, pode ser vislumbrada em poemas como *Leitura* e *Ovos de Páscoa*:

LEITURA

Era um quintal ensombrado, murado alto de pedras.
As macieiras tinham maçãs temporãs, a casca vermelha
de escuríssimo vinho, o gosto caprichado das coisas
fora do seu tempo desejadas.
Ao longo do muro eram talhas de barro.
Eu comia maçãs, bebia a melhor água, sabendo
que lá fora o mundo havia parado de calor.
Depois encontrei meu pai, que me fez festa
e não estava doente e nem tinha morrido, por isso ria,
os lábios de novo e a cara circulados de sangue,
caçava o que fazer pra gastar sua alegria:
onde está meu formão, minha vara de pescar,
cadê minha binga, meu vidro de café?
Eu sempre sonho que uma coisa gera,
nunca nada está morto.
O que não parece vivo, aduba.
O que parece estático, espera. (PRADO, 2016, p. 22)

OVOS DA PÁSCOA

O ovo não cabe em si, túrgido de promessa,
a natureza morta palpitante.
Branco tão frágil guarda um sol ocluso,
o que vai viver, espera. (PRADO, 2016, p. 28)

Dados os exemplos, é ainda importante indicarmos que a *bricolagem* temporal procedida por Adélia Prado, como remissão à tradição para uma reinvenção do presente

⁹ *Kairós* remete originalmente aos gregos e se refere ao tempo oportuno. Posteriormente, foi apropriado pelo cristianismo e pela Teologia católica. Na historiografia, “remete a um tempo descontínuo, eruptivo, intempestivo, evanescente e múltiplo (*kairós*, *aión*)”. (SANTOS, 2013, p.5) Na teologia contemporânea, foi inicialmente evocado pelo teólogo evangélico Oscar Cullmann, que em seu livro *Cristo e o Tempo*, publicado em 1946, sistematizou o sentido do *kairós* como a experiência da salvação no momento presente (e não apenas na escatologia), mediante a tensão entre o “já” e o “ainda não” (GIBELLINI, 2002).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

e do futuro, acontece tal qual em uma espiral de idas e retornos¹⁰, sendo de tal maneira, um tempo mais próximo a uma forma helicoidal do que à uma seta ou linha progressiva. Para compreender este raciocínio, retomemos Giambattista Vico (1668-1744). O filósofo e historiador italiano criticava os contemporâneos acerca da ideia de tempo progressivo, deixando uma contribuição importante ao pensamento histórico: *corsi e ricorsi* (avanço e recuo), ou seja, uma espécie de teoria cíclica da história, onde a temporalidade e mais ainda, a própria história “não deve eliminar a emoção, as pulsões, a irrazão reduzindo o homem à sua racionalidade. Deve associar emoção e razão, fantasia a pensamento racional” (CASTRO, 2012, p. 28).

Alguns apontamentos são necessários a esta altura. Obviamente, é passível de crítica a “nostalgia” percebida em *Clareira* e *Para comer depois*. Afinal,

A complexidade do romantismo de Adélia é que a força utópica de um novo tempo reestruturando se encontra em um passado ideal (daí a nostalgia), no entanto este passado muitas vezes compactua com as estruturas mais retrógradas da tradição patriarcal. A comunidade utópica, construída em ‘clareira’, reflete a sociedade patriarcal e rural que sempre esteve nas bases do poder no Brasil. Ecoa nas imagens do poema (nas mulheres fofocando e bordando, nas visitas de domingo) algo de nossa herança rural, vinda de tempos idos, mas que permanece como estrutura social. (MARQUEZ, 2012, p.88).

Mas seria empobrecedor desconsiderar que a mesma poetisa que “romantiza” um passado ideal em vários poemas, é aquela que escreve *Objeto de Amor*:

OBJETO DE AMOR
De tal ordem é e tão precioso
o que devo dizer-lhes
que não posso guardá-lo
sem que me oprima a sensação de um roubo:
cu é lindo!
Fazei o que puderdes com esta dádiva.
Quanto a mim dou graças
pelo que agora sei
e, mais que perdoo, eu amo. (PRADO, 2016, p.240)

¹⁰ “Retomando a análise de Santo Agostinho, o historiador católico Henri-Iréné Marrou [1968] desenvolveu a ideia da ambiguidade do tempo da história: “O tempo da história está carregado de uma ambiguidade, de uma ambivalência radical: ele é certamente, mas não só, como o imaginava uma doutrina superficial, um ‘fator de progresso’; a história tem também uma face sinistra e sombria: este acontecimento que se cumpre misteriosamente, traça um caminho através do sofrimento, da morte, e da degradação” (LE GOFF, 1990, p. 42), logo também de *idas e vindas*.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Assim, Adélia é demais complexa para ser reduzida a uma ou duas perspectivas totalizantes. O que parece acontecer, e para isto gostaria de chamar a atenção, é que Adélia Prado cria em sua poesia, uma reconfiguração própria de tempos onde existiria sim uma remissão ao passado e a tradição, mas concomitantemente a uma perspectiva de futuro, que se reatualiza nas experiências do vivido. Uma espécie de *já*, mas *ainda não*, talvez herdado da formação cristã e do catolicismo professado por Adélia:

Essa inflexão da ordem cristã do tempo em direção ao *já*, a um passado em verdade continuamente reativado pelo ritual¹¹, permite à Igreja, em todo caso, recuperar, retomar, habitar os modelos antigos *domos majorum* e da *historia magistra*, e de fazê-los funcionar em seu proveito. Mas sem jamais se identificar completamente com eles: tornar-se uma potência *temporal*, invocando uma outra ordem do tempo. Perdura, enfim, certa plasticidade da ordem cristã do tempo na qual presente, passado, futuro articulam-se na eternidade. De modo que ele não se confunde nem se reduz a um único regime de historicidade, nem mesmo com o que pesou mais, da *historia magistra*. Depois, tempo cristão e tempo de mundo vão se dissociar, atravessando numerosas crises, até a ruptura. O que não implica de maneira alguma, bem pelo contrário, que nada tenha acontecido de uma ordem à outra, à medida em que a abertura do progresso sobrepuja a esperança da Salvação: uma tensão para o antes e um ‘fervor de esperança’ voltado para o futuro. (HARTOG, 2019, p.92)

Assim, Adélia por meio da escrita poética, “reinventa” os tempos, se reinventando na mesma dinâmica: “escrever é um itinerário pelo qual o escritor, seja qual for a sua origem, abre para si um caminho em meio e de encontros às coações sociais e culturais que ele sofre, antes de escapar delas” (BOLLÈME, 1988, p.207-208).

1.2 “Ficção teórica”: uma possibilidade de leitura

Tal “reinvenção”, ou melhor, tal bricolagem de referenciais temporais híbridos, identificados na poesia de Adélia Prado, pode ser lida de diferentes maneiras. Contudo, ao meu ver, uma senda profícua para abordagem seria a “ficção teórica” de Michel de Certeau.

¹¹Em Adélia Prado, pela poesia: “A poesia me salvará. /Falo constrangida, porque só Jesus/ Cristo é o Salvador, conforme escreveu/ Um homem – sem coação alguma- / atrás de um crucifixo que trouxe de lembrança / de Congonhas do Campo [...]” Poema *Guia*. (PRADO,2016, p.49)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Noção pensada pelo intelectual francês em alguns de seus artigos, depois reunidos na coletânea *História e psicanálise: entre ciência e ficção*, ela parte do pressuposto de que “[...] Sem romance, não há historicidade” (CERTEAU, 2016, p. 96), ou seja:

[...] a literatura [...] cria o não lugar em que as operações efetivas de uma sociedade têm acesso a uma formalização. [...] conviria reconhecê-la como algo de análogo ao que os matemáticos foram, durante muito tempo para as ciências exatas: um discurso ‘lógico’ da história, a ‘ficção’ que a torna pensável (CERTEAU, 2016, p. 92)

Assim, o literário ou o ficcional se preferirmos, seria um componente indispensável para a compreensão histórica em sua dinâmica de movência. Dito de outra forma, o literário revelaria e constituiria em sua composição, a historicidade de uma época.

Uma das características da ficção teórica, para Certeau, é sua configuração híbrida, pois tais textos incorporam preceitos científicos e habilidades para criação de “mitos fundadores”, ou seja, “romances”, embora também sejam portadores de referenciais de historicidade. Tal remissão ao vivido histórico, por sua vez, ocorre porque os eventos narrados encontram-se imbricados a sistemas (econômicos, políticos, sociais, ideológicos...) e em processos cronológicos, numa recorrência ao postulado da temporalidade. Logo, trata-se de um aspecto em que Certeau dialoga com a dimensão ontológica referencial ao saber histórico, identificando-a como algo existente, mas perdido, e que justamente por isso só poderia ser acedido através de evocações, por sua vez dotadas de sua própria periodicidade. Nem fato, nem ilusão, nem totalmente ficção, tal realidade apresenta-se, para ele, efetiva e intangível.

Tal formulação, a “ficção teórica”, foi feita diante de um contexto especialmente particular. Primeiro, por que elaborado em uma época de mudanças (ocorrida durante os anos 1960-1970), onde a academia francesa, que estava muito associada à preocupação com um real empírico e referencial para as ciências humanas passou a ser questionada¹². Depois, por que o próprio mundo estava se reconfigurando: “[...]momento em que inúmeras crises “em suspensão” foram articuladas num agenciamento que, a partir daí,

¹² “Não há, por exemplo, conhecimento que não seja ideologicamente condicionado, pois qualquer tentativa de objetivação (ou de arbítrio entre alternativas concorrentes) também se originaria de um lugar ético-ideologicamente condicionado. (CHAGAS,2018, p.77)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

colocou o mundo num estado de “permanência instável” que jamais retornaria à sua organização anterior” (CHAGAS, 2018, p.57)

Como não é nosso objetivo aqui, esmiuçar todos os sentidos conferidos por Michel de Certeau, voltemos à poesia de Adélia Prado. Como visto sucintamente acima, a poetisa mineira faz em seus versos, no que tange ao tempo, composições bastante peculiares. Combinações que muitas vezes trazem experiências de fato experienciadas no seu dia a dia, mas que quando poetizadas, “transpassam” a existência histórica sem nela se fixar¹³.

Ou seja, podemos assim inferir que essa mescla de referenciais temporais muitas vezes tidos como opostos, este morde e assopra para dizermos em linguagem mais coloquial, é, ao cabo, parte de um construto identitário de um sujeito que narra e que se diz “inventando”, construindo em processo dinâmico a sua própria história. Não à toa, tal condição é uma “invenção”, uma criação daquela que se diz: “o trabalho de escrever dá ao mesmo tempo à luz o produto e seu autor” (CERTEAU, 2014, p. 228). Em outras palavras,

Contando histórias, os homens articulam sua experiência do tempo, orientam-se no caos das modalidades potenciais de desenvolvimento, marcam com enredos e desenlaces o curso muito complicado das ações reais dos homens. Deste modo, o homem narrador torna inteligível para si mesmo a inconstância das coisas humanas, que tanto sábios, pertencendo a diversas culturas, opuseram à ordem imutável dos astros. (RICOEUR *apud* NUNES, 1988, p.16).¹⁴

E aqui, trago os dizeres da própria Adélia Prado em *Grande desejo*, segundo poema do livro *Bagagem*, obra “inaugural” da autora, onde a mesma se coloca em primeira pessoa:

Não sou matrona, mãe dos Gracos, Cornélia,
sou é mulher do povo, mãe de filhos, Adélia.
Faço comida e como.
Aos domingos bato o osso no prato pra chamar o cachorro
e atiro os restos.
Quando dói, grito ai,
quando é bom, fico bruta,

¹³ “A sociedade não é vista nem como uma reunião de vasos intercomunicantes, a partir de uma fonte impulsionadora, nem a sua literatura como um escritório fechado, mas como um conjunto de travessias, cujo acesso é favorecido pelo estabelecimento de homologias” (COSTA LIMA, 2006, p.237)

¹⁴ O autor refere-se a obra de RICOEUR, Paul. *Le temps et les philosophies*. (Études préparés pour l’UNESCO). Paris: Payot, 1978. p.16.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

as sensibilidades sem governo.
Mas tenho meus prantos,
claridades atrás do meu estômago humilde
e fortíssima voz pra cânticos de festa.
Quando escrever o livro com o meu nome
e o nome que eu vou pôr nele, vou com ele a uma igreja,
a uma lápide, a um descampado,
para chorar, chorar, e chorar,
requeitada e esquisita como uma dama. (PRADO, 2016, p.17-18)

Considerações finais:

Como vimos, a investigação da poesia pela História é uma questão antiga e bem longe de ter um desfecho único e definitivo¹⁵. Passível de ser trilhado em muitas perspectivas teóricas, as diferentes abordagens sobre história e literatura, suas aproximações e distanciamentos, são também abertas à muitas críticas, pois tocam numa questão nevrálgica que traz implícitas em seu arcabouço, inúmeras outras problemáticas que aqui não discutimos, como o estatuto científico da história, as concepções de narrativa, etc. Com a noção de “ficção teórica”, elaborada por Michel de Certeau, o que pretendeu-se é apenas evocar ao historiador que se debruce sobre a literatura, mais um caminho possível de investigação, que considere a complexidade e os nuances de uma construção poética-literária de autores como Adélia Prado. Uma poetisa que constrói em uma malha híbrida de referenciais vários, *bricolagens* temporais únicas. Bricolagens essas, que nada mais são, do que formas de *se dizer* e *se constituir* como sujeito de sua própria vida. Não um sujeito que meramente se adequa as condições e papéis que lhes são conferidos, mas que os ultrapassa, se apropriando do que é dado e criando algo potencialmente único. Por isso Adélia não é apenas uma, mas várias, caleidoscópica!

“1970” corresponde a uma nova sensibilidade, um novo olhar, um novo modo de abordagem das coisas: uma nova postura descritiva. Elas se tornam múltiplas *intrinsecamente* pela sua variedade. Torna-se difícil defini-las: cada coisa é em si múltipla, e nós mesmos nos revelamos – enquanto observadores – produtores de multiplicidade. (CHAGAS, 2018, p.313)

E como não poderia deixar de ser, peço uma *licença poética* e aqui encerro com a própria poetisa se dizendo:

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.

¹⁵ “A historiografia ocidental se bate contra a ficção; entre a história e as histórias, essa guerra intestina remonta a épocas bem recuadas” (CERTEAU, 2016, p.45)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou. (PRADO, 2016, p.17)

Bibliografia:

- ANDRADE, Carlos Drummond de. De animais, Santo e gente. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 09 out. 1975.
- BOLLÈME, Geneviève. *O povo por escrito*. São Paulo: Livraria Martins Fontes editora, 1988.
- CASTRO, Hélio Antônio Rossi de. Giambattista Vico e uma História espiralar da mente. *Perspectiva topológica*. Trabalho de Conclusão de Curso (História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRS, 2012.
- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papiros, 1995.
- _____. *A invenção do cotidiano I. Artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014
- _____. *História e Psicanálise entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- CHAGAS, Pedro Dolabela. “1970”: Arte e pensamento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
- COSTA LIMA, Luiz. *História. Ficção. Literatura*. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 2002.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora PUC – RIO, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. Rio de Janeiro: Record, 2016
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. Pós-facio Adélia: a mulher, o corpo e a poesia. In: PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. Rio de Janeiro: Record, 2016. p.483-491.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SANTOS, Wagner Geminiano. Michel de Certeau: *A História como campo de invenção de novos cotidianos historiográficos*. In: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, Natal. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, 2013. v. Único. p. 01-09.

MARQUEZ, Maira Carmo. *A poesia de Bagagem, de Adélia Prado*. 2012. Dissertação (Mestrado em Teoria literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MASSI, Augusto. Prefácio/Pós-facio *Móbile para Adélia Prado*. In: PRADO, Adélia. Rio de Janeiro: Record, 2016. p. 495-526.

NUNES, Benedito. Narrativa histórica e narrativa ficcional. In: RIEDEL, DirceCôrtes (org.). *Narrativa, ficção e História*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p.9-35

WELLER, WIVIAN; BASSALO, LUCÉLIA DE MORAES BRAGA. A insurgência de uma geração de jovens conservadores: reflexões a partir de Karl Mannheim. *Estud. av.*, São Paulo , v. 34, n. 99, p. 391-408, Aug. 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142020000200391&lng=en&nrm=iso>.